

Uma mala cheia de brincadeira e representações

MESTRE JOSÉ TARGINO ENTREVISTADO POR LUIZ ASSUNÇÃO (UFRN) E MARIA DAS GRAÇAS CAVALCANTI PEREIRA (UFRN-PPGCS)



Figura 1: Mestre José Targino
Fonte: Luiz Assunção

José Targino Filho, 88 anos de idade, residente na cidade de Lagoa Salgada, na Microrregião do agreste potiguar, a 52 km de distância da capital Natal. Casado, pai de três filhos. Uma vida dedicada ao teatro de bonecos – a brincadeira do João Redondo, como ele prefere fazer referência à atividade.

Numa manhã de terça-feira chuvosa fomos a sua casa, conforme tínhamos combinado. Ele estava lá, sentado em um tamborete, logo na entrada do pequeno espaço onde comercializa seus produtos. Enquanto nos esperava, trabalhava na feitura de mais um boneco. Recebe-nos de forma simpática, fala pausada, calma, não tem pressa. A impressão é que estava satisfeito com aquele encontro. Entre um café e outro, vai contando sua história de vida e, sempre que possível, faz questão de mostrar as suas artes.

O mestre tem uma oficina de 10 x 30, anexada a sua casa, arrodada de prateleiras, em que acondiciona a madeira, as tintas e os adereços. Seu acervo é colocado em exposição, pendurados em

ganchos ou nas prateleiras. Além dos bonecos, coloca as ervas medicinais, sementes de hortaliças e ex-votos. Os bonecos da brincadeira são guardados em três grandes malas, em outra casa, na mesma rua em que reside e que no momento encontra-se sem moradores, apenas os bonecos.

Seu José Targino é um exemplo da dedicação à tradição do João Redondo no estado do Rio Grande do Norte. Outros brincantes, em atividade, igualmente importantes e dedicados, são também conhecidos, entre os quais podemos citar: João Viana (São José de Campestre), Dona Dadi (Carnaúba dos Dantas), Manoel de Dadica (Cerro Corá), Heraldito Lins (Natal), Raul do Mamulengo (Natal), Antônio de Rosa (Macaíba), entre outros nomes inventariados pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN em processo que solicita o reconhecimento do teatro de bonecos como Patrimônio Cultural do Brasil.

O teatro de bonecos no Brasil remonta ao período colonial, trazido pelos portugueses, no século XVI, como presépio, uma espécie de representação do nascimento de Jesus Cristo, dando origem a outras formas de teatro, como os pastoris, espetáculos encenados por atores, e, o mamulengo, encenados por bonecos. No Nordeste brasileiro, a tradição do teatro de bonecos manteve a influência da estrutura dramática da *Commedia Dell'Arte*, combinando ritmos, improvisado e personagens tipificados.

A apresentação do teatro se faz por trás de uma empanada, a que os brincantes chamam tolda, feito com um lençol de chita amarrado lateralmente, a dois paus fincados no chão, sob a qual o apresentador, com sua mala de brinquedos, comanda a brincadeira. Uma pequena orquestra, composta de um sanfoneiro e geralmente mais um ou dois músicos, são responsáveis pela percussão e acompanhamento musical.

INFÂNCIA:

Nasci na Mãe D'água, zona rural do município de Serra Caiada, no Rio Grande do Norte, no dia 05 de outubro de 1926. Fui criado no sítio. Meu pai vivia de agricultura. Por isso que não aprendi a escrever por que era tudo no roçado e não tinha essas escolas que tem hoje. Agora, quando um menino nasce já vai para a escola. Eu nunca frequentei uma escola. Só sei fazer o nome, assim, rasgado.

Meu pai era mestre de boi, gostava de brincar. Ele brincava o boi de reis, pastoril, ciranda, cavalo marinho. Eu brincava com ele o boi. Era o Mateus. Aprendi os passos, as músicas. Ainda hoje brinco o boi de reis, mas com os meus bonecos. Fiz uns bonecos grandes para brincar o boi de reis.

APRENDER A BRINCADEIRA:

Faz muito tempo. Eu era frangote. Tinha um velhinho que tocava fole, na Mãe D'água. Gostava de ver ele tocando o fole. Eu peguei uns pedacinhos de sabugo de milho, enrolei, aí haja nós a brincar. Amarrava um pano e ia representando devagarinho. Os sabugos eram vestidos com panos. Ia dando nome aos personagens: João Redondo, Baltazar, Murilo, a gente também botava outros nomes. Nesse tempo não tinha muita diversão. Comecei assim, brincando, fazendo aquelas falas, o tocador puxando no fole.

Lembro que nos tempos de criança eu via a brincadeira de Mané Januário, um homem da banda da Paraíba. Ele andava com uma mala cheia de bonecos, em cima de um jumento. Ele chegava na Mãe D'água com uma mala cheia de brincadeira, aí ia brincar. Era uma festa. Depois eu tinha um primo, ele fazia a brincadeira. Com o tempo, aí ele me deu duas cabecinhas assim, de bonecos, aí eu fui treinando, brincando, até que formei a brincadeira e andei a brincar no mundo.

Os bonecos, a brincadeira, é uma inteligência que Deus dá a criatura. A inteligência a gente vai puxando pela cabeça. Quando a gente nasce já traz aquele signo, se procurar consegue.

REPRESENTAR, FAZER A BRINCADEIRA: “E ANDEI A BRINCAR NO MUNDO”.

Eu sou o rei dos bonecos. Todo canto por aqui eu faço a brincadeira. Agora é que eu já estou ficando um pouco velho. Quando comecei a representar, lá no início, eu fazia a brincadeira e as pessoas pagavam o que elas queriam. Era do tempo dos tostões. Eu trabalhava na roça, plantava feijão, milho. No sábado para o domingo, tinha um tio meu, que tocava rebeca, tio Jacinto. Ele dizia: vamos brincar e se divertir. Aí nós ia brincar. Eu levava os bonecos. Depois, quando eu já era mais conhecido, as pessoas acertavam o preço antes de representar a brincadeira. Era comum acertar o transporte para vir me pegar.

Lembro que antigamente tirava a licença da polícia para poder brincar. Nos tempos de apanha de algodão, no Sertão, fazia muita brincadeira. Era um tempo de muita fartura; eu fazia muitas representações por muitas fazendas e sítios. Andei também pelas praias, muitas praias. Não faltava lugar para brincar. Uma vez fui brincar até em Cabedelo, na Paraíba.

DAR VIDA AOS BONECOS:

Depois, já mais sabido, eu peguei um pedaço de pau e comecei catucando, fui treinando, fiz um mau feito, depois um bem feito. A partir daí, meus bonecos sou eu mesmo que faço. Quando vou fazer um boneco, boto primeiro o nome dele, depois vou fazendo. Tudo é feito por minha mão. Desenho o boneco, corto e depois vou cavando, com ferramentas que eu mesmo

faço. Lixo e dou o acabamento. Por último pinto, coloco os adereços e visto o boneco. Eu mesmo faço os vestidos, pego os panos e costuro. Para os bonecos, é tudo eu que faço, sozinho. Sempre penso nas feições de pessoas na hora de desenhar o boneco na madeira, seja por encomenda ou mesmo quando quero deixar mais engraçada a hora da brincadeira. É bom sempre ter cara nova para representar na brincadeira, porque o povo se impressiona com bonecos novos, sempre posso fazer um show diferente com os bonecos.

A madeira que utilizo é o mulungu ou imburana. Arranjo por aqui mesmo. Tenho trabalhado mais com o mulungu por que a imburana tá muito difícil de encontrar.

Gosto de misturar materiais; uso tudo que tenho em casa, uso muito material de sucata, aproveito tudo. O enchimento dos bonecos faço com pano. O cabelo pode ser feito com lã, tecido ou mesmo corda (agave), assim como os bigodes e a barba dos bonecos. A boca e os olhos são desenhados, as mãos são feitas de madeira e outras feitas de papelão. Para enfeitar faço chapéus de couro e bonés de papelão ou mesmo cavo na própria madeira. Alguns possuem enghocas como o pisa-pilão, outros têm a boca articulada e, tem um personagem muito curioso o “lobisomem” que se destaca por ter um tamanho bem maior que os demais bonecos e uma vara grande para manipulá-lo na empanada, para impressionar as pessoas. Faço também objetos para incrementar a encenação, como a pistola, a sanfona, caixão, faquinhas e, os animais: cobra, bois, burrinha, onça, cachorro e um frango, que incrementa as passagens que vou apresentar.

Gosto de pintar os bonecos. Tem boneco colorido, mas gosto mais da cor branca. No começo eu pintava com tirna de panela e leite de pião. Mexia bastante e fazia a tinta. Hoje é diferente, por que tem tinta por todo canto. Hoje compro a tinta.

Faço também boneco para pagar promessas. Faço perna, braço, mão, cabeça. Tudo que for encomenda.

A TÉCNICA NA BRINCADEIRA:

Minha empanada é feita com um lençol branco, pintada com figuras de bonecos e animais pintados por mim mesmo. Aprecio fazer a brincadeira mais a noite, pois os bonecos ficam mais animados e os bonecos não ficam suados. Para fazer a brincadeira tem que fazer o movimento com a mão. Trabalho sozinho na tolda. Para facilitar deixo os bonecos deitados na ordem da brincadeira. Faço as partes, falo, canto, toco a gaita. A gente representa o boneco. As histórias, umas já existem, foram aprendidas e a gente passa as partes; outras são tiradas do que a gente vê, do que a gente vive. A gente também aproveita o momento da brincadeira. Tem que fazer o povo sorrir. Tudo é diversão.

OS BONECOS, OS PERSONAGENS:

Tem todo tipo de boneco. Tem bonecos cangaceiros, artista, alma, jaraguá. Tem o cabra que veio da Bahia pra benzer o povo, um baiano véio que veio fazer uma cura. Tem cumadre Mariquinha. Elas são da história do João Redondo, como também, algumas histórias inventadas, para “mexer” com os amigos, bem engraçadas, como as falas entre o Baltazar e a Maria Catolé, uma velha senhora que pretende namorar o negro espevitado, mas é rejeitada e cantarola uma música afirmando “sou coroa mais sou muito enxuta pro meu gosto”. Na passagem da missa tem uma narrativa entre o Padre Véio da Freguesia e o São Cristóvão, em que o padre está rezando a missa para os fiéis, e chega o jovem sacristão, chamado “São Cristóvão”, que responde às rezas do padre e lembra a todos como se reza corretamente e então inventa uns versos engraçados, fazendo o público dar risada.

Tem o Delegado Seu Vaqueiro, que ao invés de prender os bandidos oferece as propriedades dele para o povoado presente e mostra sua burrinha e seus “boim”, cantando “calor da vaquejada” e nessa cantoria entra um tocador de viola para fazer a pareia com o vaqueiro.

O boneco Seu Jorge das Pernas Mole é um caboclo metido a inteligente e diz que é conhecido no mundo todo porque vive viajando. E por andar muito pelas terras tem as pernas moles. Aí encena com qualquer boneco que pergunta a ele se essa viagem que faz é trabalhando e Seu Jorge responde que sim e que é muito trabalhador, e aí pergunta: “aonde você trabalha? Trabalho no prato”. Vindo o questionamento, “no prato?” Fazendo o quê? O atrevido responde: “comendo”, e esse trocadilho arranca risada do público presente.

Joaquim é um jovem gaiato que faz propaganda para o povo afirmando ser espertalhão, mas trata-se de um “matuto do mato”, farrista que tem um buraco na cueca. Tem a passagem do baile das damas, onde o mestre manipula as bonecas de pano embaladas no forró tocado, na espera do convite dos cavaleiros para dançar na festa. Resultando com um bailado muito bonito e animado.

Com alguns dos meus bonecos eu faço assim: numa noite o boneco vai trabalhar num canto, aí ele tem um nome; na outra noite, muda o nome, muda a história; é para não repetir. Mas tem os bonecos e as histórias que não mudam, porque eles vêm de antigamente, da tradição.

Faço bonecos grandes e bonecos pequenos para fazer uma mistura na brincadeira. O boneco grande é para dar presença. O boneco grande não é para demorar, é apenas uma presença. Ele fala e sai, aí vem outro boneco, o pequeno, esse vai ter mais fala.

INSTRUMENTOS MUSICAIS:

Antigamente tinha rebeca. Hoje tem sanfona, fole de oito baixos. Tem gente que usa som. Eu levo um sanfoneiro, aí a gente representa a brincadeira. Eu tenho um boneco que se

apresenta tocando sanfona; outro, tocando gaita; o nome desse é seu Joaquim; mas, a gaita, sou eu mesmo que toco.

FUTURO. A CONTINUIDADE DA BRINCADEIRA:

Tenho três filhos, duas mulheres e um homem. Só eu que puxei esse destino e estou cumprindo. A brincadeira vai acabar comigo.



Figura 2: Mestre José Targino
Fonte: Luiz Assunção



Figura 3: Mestre José Targino
Fonte: Luiz Assunção